

18 anos de luta do Jornal Abaixo-Assinado

Leia o que já foi notícia nos últimos 18 anos do jornal! E ainda está atual!

Este Editorial que publicamos em abril de 2005, na edição de número 1, continua bem atual. É nossa razão de existência e resistência!

Editorial*

Nada de grande no mundo é feito sem paixão

Essa belíssima frase é de Hegel. Queremos escrevê-la assim: **Nós estamos fazendo com paixão e muita luta o Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá.**

Paixão porque é um sonho. Um daqueles acalentados há mais de quinze anos. Paixão por querer um jornal que retratasse a luta, a perseverança e a resistência do povo organizado da Baixada de Jacarepaguá por melhores condições de vida.

Muita luta porque não temos apoio de nenhum grupo político ou econômico.

Muita luta porque o que não falta é um monte de jornais de bairro – muitos sem projeto editorial claro, sem propósito, sem conteúdo, só para publicar meia dúzia de abobrinhas em 20 páginas e conseguir os seus anúncios. Porém é a livre iniciativa, a livre manifestação. E nós lutamos pela liberdade de expressão e pela democracia, e assim respeitamos todos os jornais existentes na região, inclusive o Globo-Barra (este não traz uma luta de nossa gente sofrida das comunidades).

O **Jornal Abaixo-Assinado** foi lançado nas ruas em março de 2005: Taquara (dia 12), Largo do Anil (19), Ato da Gabriela na praia da Barra (25) e Freguesia (26). A repercussão, extremamente positiva, nos deu a certeza que a nossa linha editorial de defesa das comunidades e participação direta nas causas populares, como o da família da Gabriela, deve ser preservada - é a nossa diferença frente aos demais.

As manifestações de apoio de líderes comunitários, sindicalistas e donas de casa, além da boa receptividade nas ruas pelo nosso povo, expressam o acerto dessa nossa filosofia. Por isso acreditamos que o caminho é a construção de uma forte aliança com o movimento popular e cultural, e até com os pequenos e médios empresários de nossa região, na defesa da dignidade humana e de uma vida melhor para todos.

Pode nos faltar apoio dos ricos ou das grandes empresas, mesmo assim colocaremos o **Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá** nas ruas, custe o que custar, doa a quem doer, porque o que importa para nós não é a sua dimensão física, e sim a sua dimensão política e social em defesa dos oprimidos.



Continuamos sem uma decente Biblioteca Pública em Jacarepaguá

Isso foi notícia em 2013! Essa luta continua
Páginas 3

Viva a Vila Autódromo! Diga não à remoção

Espancamento da Guarda Municipal atingiu vários moradores da Vila Autódromo
Notícia de junho de 2015
Páginas 6



Pedalar é preciso

Uma reivindicação de 2018 de moradores das Vargens e de Jacarepaguá sem a devida atenção de vários prefeitos até hoje

Página 5

Movimento Poesia de Esquina resiste

Virou notícia em 2018 e continua firme e forte na Cidade de Deus

Página 7

Pobreza menstrual: você sabe o que é

Um debate permanente desde 2021

Páginas 4

História da Região

A história da comunidade Coroadó

Em parceria com o MUP, o JAAJ publicou a história de várias comunidades das Vargens e do Recreio dos Bandeirantes – junho de 2008

Páginas 8

Cuidados com a saúde

Câncer de pele: proteja-se do sol

Conheça o método Neopilates

Páginas 2

Publicamos o texto de como evitar o câncer de pele em janeiro de 2013, na edição de número 53, que continua atualíssimo!



Douglas Faget*

Câncer de Pele Proteja-se do Sol neste Verão

O câncer é uma doença caracterizada pelo aumento desordenado de células com capacidade de migrar e invadir outros tecidos e órgãos do nosso corpo.

Atualmente, esta doença é a segunda maior causa de morte no Brasil. Existem mais de 100 doenças classificadas como câncer, no entanto, apesar dessas doenças terem a mesma classificação, elas são muito diferentes entre si.

Um exemplo é o câncer de pele, que pode ser classificado em dois tipos: câncer de pele não-melanoma e melanoma. O câncer de pele não-melanoma corresponde a 27% dos novos casos de câncer segundo estimativa do Instituto Nacional de Câncer (INCA) para este ano no Rio, sendo considerado o câncer mais comum em homens e mulheres. Apesar de ser o câncer mais incidente, o risco de morte é baixo.

Por outro lado, o câncer de pele do tipo melanoma, de rara ocorrência, é considerado um câncer mais agressivo associado a uma alta taxa de mortalidade.

Quando falamos de câncer a prevenção nem sempre é possível, entretanto o câncer de pele é uma das exceções onde é possível prevenir.

Como bons cariocas, somos amantes de um belo bronzeado, contudo, a exposição excessiva ao sol aumenta consideravelmente as nossas chances de desenvolver câncer de pele. Isto ocorre porque a radiação ultravioleta (UV), liberada pelo sol, é o principal fator de risco associado a este câncer. O uso diário de

protetor solar é o mais recomendado principalmente nas extremidades do corpo, como rosto e mãos. Caso não seja possível usar protetor solar diariamente, evite se expor ao sol de meio-dia e faça uso de bonés, chapéus ou sombrinhas.

Com o verão aí, as pessoas ficam naturalmente mais expostas ao sol, principalmente os mais jovens, portanto é muito importante se proteger. Jamais utilize câmaras de bronzeamento artificial e não faça uso de bronzeadores caseiros, já que estas câmaras comumente funcionam liberando a radiação UV e bronzeadores caseiros podem agravar os efeitos nocivos da exposição ao sol. A alta exposição à radiação UV nas fases iniciais da vida aumenta ainda mais o risco de câncer de pele.

Os sinais mais comuns de câncer de pele são mudanças na aparência da pele, como o surgimento de uma pequena protuberância, feridas que não cicatrizam e o aparecimento de manchas escuras e irregulares (melanoma). Portanto, sempre esteja atento às mudanças que ocorrem no seu corpo e procure um médico o mais rápido possível caso observe algo diferente na sua pele. O tratamento precoce vai resultar em uma melhora significativa da qualidade de vida.

***Biomédico e atualmente faz doutorado no Instituto Nacional de Câncer no Programa de Biologia Celular.**



Publicamos um texto sobre Dúvidas cotidianas da língua portuguesa em fevereiro de 2016, na edição de número 90



Micheli Ferreira*

Dúvidas cotidianas da língua portuguesa

As situações de comunicação com que nos deparamos no dia a dia são diversificadas. Em muitas destas, por vezes, pensamos na melhor maneira de nos expressarmos, principalmente quando se trata de um gênero textual escrito. Entre as dúvidas mais frequentes, está o uso das palavras “mau” e “mal”.

Estamos na época do carnaval, período de diversão em que muitas pessoas comentem exageros. Analisemos a seguinte situação: um jovem, após uma noite carnavalesca intensa, acorda indisposto e deseja passar o dia repousando. Assim, deixa um bilhete informal para sua mãe, dizendo: “Estou passando mal e não quero ser incomodado...”. Nesse exemplo, o vocábulo “mal” indica o modo como o jovem se sente; portanto, é um advérbio.

Imaginemos que seu irmão mais novo leia o bilhete deixado por ele e não concorde ou decida ser inconveniente. Então, ele vai até o quarto para importuná-lo. O jovem o repreende: “Não seja um irmão mau! Deixe-me descansar!”. Na sentença anterior,

a palavra “mau” está sendo empregada para caracterizar o substantivo “irmão” e é classificada como adjetivo.

Além desses, inúmeros exemplos poderiam ser utilizados para esclarecimentos sobre a grafia de “mal” e “mau”. Para facilitar, há uma simples dica: **antes de escrevermos uma destas palavras, pensemos em seus antônimos (palavras de significado contrário). Assim, quando queremos expressar o contrário de bom, usamos a palavra “mau”; e quando a situação remete ao contrário de bem, a forma correta a ser utilizada é “mal”.**

Por conseguinte, no exemplo dado anteriormente, percebe-se que em “Estou passando mal...”, o jovem não se sentia bem. Em contrapartida, a frase “Não seja um irmão mau!” corresponde ao desejo do falante de que o irmão seja uma pessoa boa para ele e o deixe descansar.

Para descontrair, observemos a tirinha abaixo, do cartunista Ziraldo.

Agora, você, bom leitor, já está apto a utilizar corretamente essas palavras e não passará por “maus momentos” ao escrevê-las. Até a próxima edição!

*Professora



ZIRALDO. As melhores tiradas do Menino Maluquinho. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2000.

NeoPilates para melhorar sua saúde! Publicamos em janeiro de 2020, na edição de número 129. Sempre atual!

NEOPILATES: conheça o método que mistura Pilates, treinamento funcional e atividades circenses



Espaço Equilibrates Reabilitação & Saúde

Texto e fotos - Dr.ª Cristiane Giannotti - Fisioterapeuta



O NeoPilates é uma atividade física que trabalha com os princípios do método Pilates, associados a exercícios de treinamento funcional e atividades circenses. É uma prática lúdica e estimulante, trabalhando o tempo todo com a percepção corporal, a força e o equilíbrio. Boa parte dos aparelhos são suspensos ou têm rodinhas, o que confere instabilidade. Para se manter firme neles, é preciso ter consciência do corpo, controlar a respiração e, claro, exercitar o equilíbrio. Assim, é possível trabalhar as fibras musculares mais profundas com mais rapidez em comparação à técnica convencional, pois, fisiologicamente, os músculos estão trabalhando mais em bases instáveis do que em bases fixas.

O NeoPilates é uma boa alternativa para quem não gosta de exercícios físicos, pois

além do trabalho corporal também há diversão. A “cereja do bolo” fica por conta das atividades suspensas que usam trapézios, liras, fitas e tecidos. Os treinos das “invertidas”, onde alunos aprendem a ficar de ponta cabeça e fazem abdominais presos pelo quadril, lembram as brincadeiras da infância, tornando a prática ainda mais divertida! Muitos alunos que tinham algum medo de altura, foram estimulados a vencerem os seus desafios, ajudando a aumentar a auto-estima, potencializando a coragem e a segurança emocional em possíveis relacionamentos e no ambiente de trabalho.

O NeoPilates é considerado um “antidepressivo natural”, pois, através dessa prática, “MUDAMOS VIDAS!” Um aluno de Neopilates sabe a transformação após as aulas, bem



Alunos do espaço Equilibrates praticando Neopilates

como os seus benefícios.

Misturando um pouco de cada técnica nasceu o NeoPilates, metodologia criada pela



NEOPILATES

Studio de Neopilates do espaço Equilibrates brasileira e fisioterapeuta Amanda Braz, que hoje já está presente em todas as regiões do Brasil e também em nove países.

Qualquer pessoa pode aderir à prática: crianças, idosos, gestantes e até pessoas com alguma patologia, pois cada aula é individualizada e acompanhada por um profissional de fisioterapia habilitado para fazer as adaptações necessárias aos exercícios.

Uma singela homenagem ao saudoso Waldemar Costa, jornalista e pesquisador, que lutava pela construção de um novo prédio para a Biblioteca Cecília Meireles. Publicamos em julho de 2013, na edição de número 59, luta que continua atual!

Abaixo-assinado pela construção de um novo prédio para a Biblioteca Cecília Meireles

JAAJ lidera campanha para construção da nova biblioteca pública de Jacarepaguá

A Biblioteca Popular Municipal Cecília Meireles, localizada na Rua Doutor Bernardino, na Praça Seca, esteve fechada durante quase todo o primeiro semestre de 2013 para reformas. Ela funciona em um prédio alugado que não oferece as condições adequadas para a preservação do seu acervo.

No intuito de oferecer um espaço compatível com a sua importância para a região, o jornalista e pesquisador Waldemar Costa, o Conselho Regional da Federação das Associações de Moradores do Rio de Janeiro (FAM-RIO) e o JAAJ, estão organizando um abaixo-assinado para a construção de uma nova biblioteca no espaço que pertence a XVI Administração Regional, na Praça Barão da Taquara. Serão necessárias 3.000 mil assinaturas para que essa construção seja incluída no orçamento de 2014.



foto: Val Costa

Renato Dória, Waldemar Costa, Val Costa e Manoel Meirelles, colhendo assinaturas para o abaixo-assinado na Praça Seca.

Uma notícia sobre poluição nas lagoas da região publicada em março de 2006, na edição de número 11, que continua atual. Infelizmente!

Mais poluição nas lagoas da Baixada de Jacarepaguá A vez da Lagoinha das Tachas

*Luciana Araujo

O Parque Ecológico Municipal Chico Mendes, no Recreio dos Bandeirantes, possui aproximadamente 40 hectares e existe desde 1989. Ele foi criado com o intuito de preservar a Lagoinha das Tachas. Localizado em uma área de restinga, é o habitat de espécies da fauna e flora ameaçadas de extinção, incluindo o jacaré do papo-amarelo (que possui um viveiro no parque, administrado pela fundação Rio Zôo).

O parque que oferece passeios muito agradáveis a seus visitantes, como trilhas a beira da lagoa e áreas para piquenique, não está tão agradável assim!! As gigogas que são vistas comumente nas lagoas de Marapendi e de Jacarepaguá, agora também podem ser vistas na Lagoinha das Tachas.

As gigogas são plantas nativas das lagoas (de água doce) que se proliferam em demasia quando encontram um ambiente favorável, com muita matéria orgânica, ou seja, nutrientes retirados principalmente do esgoto.

No dia 18 de fevereiro deste ano, as gigogas “invadiram” a Lagoinha das Tachas, provocando a tão famosa cena já presenciada por nós cariocas: a lagoa tomada pelas plantas, símbolo da poluição e do despejo ilegal de esgoto nas lagoas da Baixada de Jacarepaguá.

Como se não bastasse à lagoa repleta de gigogas, a prefeitura e o governo do Estado resolveram discutir para saber de quem era a culpa, e depois de um “jogo de empurra”, a SERLA (Superintendência Estadual de Rios e Lagoas), ligada a Secretaria Estadual de Meio Ambiente, decidiu assumir a responsabilidade da retirada das plantas. A estimativa, segundo a SERLA, é de que há aproximadamente 10 toneladas da planta na lagoa, por isso sua retirada deverá durar dois meses.

A poluição que chega a Lagoinha das Tachas provém das construções próximas, pois a região não possui saneamento, como a comunidade do Terreirão (o esgoto vem através do Canal das Tachas), e de despejos clandestinos de construções próximas ao parque.

Esta situação não é nova, mas quantas vezes mais vamos precisar ver nossas lagoas tomadas por gigogas para que os governantes se conscientizem da necessidade da criação de infraestrutura sanitária para evitar definitivamente o surgimento das gigogas nas lagoas da Baixada de Jacarepaguá. Não basta retirar as gigogas quando elas já estão na lagoa, é necessário fazer com que elas não cheguem lá!

*Professora e pesquisadora da Barra da Tijuca

É notícia atual sobre o bairro da Praça Seca, mas publicamos em setembro de 2014, na edição de número 75. É mole!

Praça Seca faz manifestação por melhorias no bairro

A manifestação dos moradores da Praça Seca reuniu cerca de 200 pessoas, na manhã ensolarada do domingo dia 31 de agosto, que protestaram contra o abandono do nobre bairro e pela omissão e des-

caso dos governos Paes e Pezão.

A caminhada foi liderada pelo professor Alex, que contou com o apoio da Associação de Moradores da Praça Seca e do Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá. As reivindicações da população são:

1. Retomada da obra do Centro de Tratamento para Deficientes - o prédio está localizado ao lado da Vila Olímpica do Mato Mato e sua obra foi paralisada pela Prefeitura sem nenhuma explicação.

2. SOS Emergência - o PAM da Praça Seca seja transformado de novo numa unidade com atendimentos de emergência, internações, partos e cirurgias.

3. Melhoria no Trânsito - com a chegada do BRT o caos se instalou de vez no trânsito do bairro. Devolver os acessos de antes.

4. Paz - a luta a favor da paz e contra a violência que impera na região.



A luta continua porque viver em condições dignas é um direito da população. O povo da Praça Seca espera dos governos estadual e municipal ações concretas e não falsas promessas.



Sempre debatendo temas atuais que mexem com a vida de nosso povo Publicado em setembro de 2021, na edição de número 143



Anna
Karolina
Professora

Você sabe o que é pobreza menstrual?

A pobreza menstrual ocorre quando pessoas que menstruam não conseguem ter acesso a produtos de higiene básica durante o período menstrual.

Muitas meninas em idade escolar deixam de frequentar a escola durante a menstruação pela falta de acesso a esses produtos, afetando o seu desempenho escolar. Quando essas pessoas não têm acesso a produtos de higiene passam a

utilizar roupas velhas, esponjas, tampas, miolo de pão, entre outros. A pobreza também ocorre quando não conseguem fazer de três a seis trocas do absorvente descartável ou de acordo com o absorvente que a pessoa estiver usando, o que pode causar infecções urinárias, candidíase e até uma condição chamada Síndrome do Choque Tóxico, em que por conta da falta da troca constante de absorvente a mulher pode desenvolver essa condição bacteriana.

A educação menstrual e o entendimento do nosso ciclo é de suma importância, pois a menarca costuma ocorrer durante a idade escolar, e conhecer o corpo feminino e seus mecanismos evitam desde o constrangimento de “descer” inesperadamente até ISTs

(Infecção Sexualmente Transmissível) e gravidez não planejada.

A falta de acesso à água e a sabão pode impedir a lavagem e reutilização de alguns tipos de absorventes de pano ou coletores menstruais, ao passo que os absorventes descartáveis poluem o meio ambiente e não podem ser higienizados para reuso. Cada tipo de absorvente possui vantagens e desvantagens.

Comprar um pacote de absorvente para as pessoas de classe média é trivial, mas para muitas outras é impossível, o que, além de causar um desconforto físico, provoca um enorme conflito com o próprio corpo e a autoestima. É preciso pensar nas pessoas em situação de rua e nas situações embaraçosas que vivenciam diante desta dificuldade.



foto: UNICEF/BRZ/Elias Costa

Dignidade menstrual

Que tal pressionar vereadores e deputados eleitos para a redução da pobreza menstrual? O SUS, as clínicas das famílias e até mesmo as escolas poderiam distribuir absorventes e, assim, diminuir essa barreira para pessoas que menstruam.

Na luta pela Educação sempre presente! Um texto atualíssimo publicado em março de 2021, na edição de número 137.

Os Desafios da Mulher na Luta por Educação Pública de Qualidade

Dorotéa Frota Santana*

Vivo constantemente os desafios do SER protagonista do lugar na História, do falar do conhecimento construído no chão da escola e nos espaços acadêmicos, e do quanto é o potencial de riqueza desse saber feito por várias mãos e vozes femininas.

Ser professora e servidora pública na sociedade patriarcal brasileira não nos permite ficar em zona de conforto, pois a cada ano, o chamado se faz necessário para os embates contra governos que têm como mote a política de retirada de direitos dos trabalhadores e a precarização do serviço público, como mostra o pacote de maldades da Reforma da Previdência, orquestrado por Bolsonaro e Guedes a nível nacional e sendo seguido aqui, no Rio de Janeiro, pelos governos de Cláudio de Castro e Eduardo Paes.

Ser Professora e mulher é estar constantemente em alerta, mobilizada a favor do ensino público de qualidade e contra proje-

tos que acentuem a desigualdade do ensino, ceifando perspectivas e sonhos dos nossos estudantes - nossos maiores patrimônios. É nesse cenário de muros desiguais que Mulheres tecem laços solidários e, através das lutas coletivas, promovem a perspectiva da Educação libertadora, sem obscurantismo, discriminações e machismo.

Os entraves produzidos pelos governos são grandes, como o descaso, a desvalorização e a falta de vontade política, que passam pela ideologia meritocrática dos "aptos" ao sucesso e às realizações, sendo permitidos apenas à classe dominante um lugar de destaque. Porém, nós mulheres não nos furta-mos a esse combate e os nossos sonhos por uma sociedade igualitária são maiores do que os entraves. Sendo assim, ocupamos o nosso lugar de visibilidade e independência intelectual, já que durante décadas, a mulher fora vista como submissa e receptora de saberes. Ingressamos no Ensino Superior, nas pes-

quisas e fomos conquistando os espaços de saberes e construção do conhecimento acadêmico, além de, conseqüentemente, potencializarmos a luta pela igualdade salarial com os homens. Vale destacar que tais conquistas se valem pela nossa resistência e coragem nas lutas.

Na minha trajetória profissional e sindical, em muitos momentos foi e ainda é preciso provar uma história de conhecimentos, habilidades, competências e capacidades. "É a mulher que sobrevive ao machismo", portanto, é preciso colocarmos num espaço afirmativo e de respeito: Mulher, Educação e Ciência.

Vamos à luta pela democracia, pela Vacina e fora Bolsonaro!

Na minha trajetória profissional e sindical, em muitos momentos foi e ainda é preciso.

***mulher, mãe, professora da rede pública do RJ e diretora do Sepe de Jacarepaguá/ Barra - Regional VI**



Essa é uma matéria que publicamos em fevereiro de 2006, na edição de número 10, que continua atual. Infelizmente!

As calamidades e suas causas

*Por Canagá Vilhena

Além da ocupação irregular das margens dos rios e canais, outra causa importante para a ocorrência de desastres ambientais com vítimas é a situação das encostas de morros da cidade. Também as casas de classe média sofrem as consequências da ocupação das encostas. Vejam exemplos de Petrópolis, Teresópolis e, agora, o acidente na Freguesia.

Apesar disto a prefeitura introduziu na legislação da Freguesia, Tanque e Taquara, a permissão para construção de vilas nas encostas, através do famigerado Peu.

Assim aumenta a densidade dos bairros, agravada pela ocupação de áreas frágeis, sem infraestrutura adequada, que deveriam ser de preservação permanente.

É o que vão fazer em Vargem Grande, Vargem Pequena e Camorim através do Peu das Vargens. De acordo com o projeto de lei

da prefeitura, será possível abrir ruas e usar as trilhas e caminhos existentes sem infra-estrutura para implantar as vilas.

Na Baixada de Jacarepaguá, e em todo o estado do Rio de Janeiro, as prefeituras não obrigam os infratores ambientais a recuperarem área degradada, como determina a lei ambiental.

A omissão do Poder Público facilita a ocorrência de inundações. O escorregamento do barro das encostas, resultante de crime ambiental, provoca o assoreamento dos rios, canais e bloqueia a rede de águas pluviais.

Até a Feema costuma autorizar aterro de áreas alagadiças, para loteamentos clandestinos, feitos com material retirado ilegalmente das encostas.

Um caso exemplar é a exploração de saibro feita por um empresário, na Pedra de Calumbá, monumento paisagístico do Municí-

pio, que está sendo destruído pela exploração de granito, há muitos anos.

Segundo o jornal O Globo-Barra, de 10 de abril de 2003, esta exploração, que atenta contra a defesa do meio ambiente, foi autorizada pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente, como medida compensatória, para o infrator criar plataformas nas encostas e evitar o escorregamento do barro.

Assim o empresário retira o material e despeja num aterro junto ao Canal do Rio Marinho, para implantar o que ele chama de parque ecológico, na Rua Benvindo de Novais, sem licença urbanística nem do IBAMA. Este empreendimento recebeu os benefícios de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) feito pelo Ministério Público e cancelado pelo Poder Judiciário. Para esta obra havia uma licença da FEEMA, emitida em 1998, para o despejo de 149 mil metros cúbicos de

saibro no terreno.

Este e outros exemplos mostram a ineficácia do controle ambiental e urbanístico pela falta de articulação entre os órgãos responsáveis. É o que acontece através da permissão para retirar saibro usado em obras ilegais, e a permanente omissão do Poder Público no cumprimento da exigência de recuperação das áreas degradadas pelos infratores ambientais.

Talvez a omissão se explique, também, pela relação de amizade existente entre autoridades municipais e infratores ambientais.

Uma pesquisa, no Diário Oficial, das audiências públicas da Câmara de Vereadores, permite concluir que existe uma verdadeira confraternização imobiliária entre autoridades e infratores.

***Arquiteto e urbanista, organizador do Centro de Defesa das Cidades (CDC) e assessor do Cres-RJ**

Luta e história do Quilombo Camorim que publicamos em março de 2014, na edição de número 69, que continua atual!



Projeto do Desenvolvimento Cultural Quilombola no Camorim

COMUNIDADE
Maraci Soares*

Tivemos que assistir a derrubada de árvores centenárias sendo executada pelo poder financeiro através de acordos com agentes do governo. Os acadêmicos debatem e argumentam que tudo está dentro da legalidade, endossando a prática governamental e propondo como solução e compensação o reflorestamento. Estamos cansados dessas histórias! Somos subestimados e excluídos.

Os moradores do Alto Camorim são nativos nestas terras, somos os verdadeiros ambientalistas que vivem na prática uma relação harmoniosa com a natureza e sentimos na pele o impacto ambiental. Não vivemos só de teorias.

As terras do Alto Camorim constitui um Sítio Arqueológico de um Quilombo histórico, um dos primeiros a surgir no Rio de Janeiro durante o período colonial. As primeiras notícias sobre o Quilombo do Camorim datam de 1625, apenas 90 anos depois do início da ocupação das terras brasileiras. Aqui, existem inúmeras provas desta ancestralidade: “a casa Grande dos escravos”, a pedra do Quilombo e os achados arqueológicos do início da década de 2000, quando foram achados utensílios e ossadas de escravos, indicado a existência de um cemitério de escravos nas nossas terras, reforçam a ancestralidade dos nossos descendentes nestas terras.

O Alto Camorim segue a mais exemplar de todas as tradições de resistência quilombola:

para se defender e combater a dominação dos portugueses senhores de engenho, cafeicultores e dos capitães do mato os quilombos eram construídos sempre em terras altas, portanto, o Alto Camorim concentra todas as provas de comunidade remanescente de Quilombo!

Há dez anos a comunidade vem pleiteando um espaço para desenvolvimento cultural quilombola exatamente onde ocorreu a devastação das árvores pelas empreiteiras. Percebemos que a derrubada parou bem próxima a Igreja São Gonçalo de Amarante, no entanto, a “sobra” de espaço que poderia ser cedido para comunidade nos foi informado que seria reservado para a Prefeitura. Recentemente, o Sr. Eduardo Paes solicitou o envio da documentação do pleito desta área e o projeto do Desenvolvimento Cultural Quilombola para o seu gabinete.

Todos os documentos e fotos do lugar foram enviados, entretanto, até o momento não nos foi respondido. Estamos ainda no aguardo de uma resposta do Senhor Prefeito.

Assim como no passado colonial, o Quilombo do Camorim segue na luta pela preservação da natureza e da identidade cultural que os portugueses colonizadores e os governantes atuais insistem em desrespeitar.

Viva a luta Quilombola! Viva o Quilombo do Alto Camorim.

*Liderança Comunitária

Essa luta por ciclovias nas Vargens e Jacarepaguá publicamos em abril de 2019, na edição de número 120, continua atual. Infelizmente!



Carlos Motta*

Pedalar é preciso Cadê as ciclovias das Vargens, Camorim e Jacarepaguá

A população das Vargens possui uma íntima relação com as bicicletas. Inúmeras pessoas utilizam a bike para ir à escola, ao trabalho, para lazer e, principalmente, para chegar aos pontos de ônibus da estrada dos Bandeirantes, já que as linhas não circulam pelo interior dos bairros.



Entretanto, mesmo sendo uma das regiões da cidade com uma relação morador/ciclista altíssima, poucos, entre os 450 km de ciclovias da cidade do Rio de Janeiro, são na região das Vargens. Inclusive, a única ciclovias existente é mal sinalizada, sem bicicletários, muito esburacada e “disfarçada” de calçada.

Com o aumento descontrolado do trânsito de automóveis, há a necessidade de ciclovias, principalmente na estrada do Rio Morto e Benvindo de Novaes, além de ciclofaixas do largo de Vargem Grande até a estrada do Pontal e nas estradas Pacuí, Sacarão e Boca do Mato, para que se possa pedalar com segurança e tranquilidade, garantindo um ar menos poluído, além de manter o controle dos batimentos cardíacos e proporcionar uma considerável economia de combustível e passagens.

*Morador de Vargem Grande e Professor de Geografia da Rede Municipal.

Uma reivindicação do Movimento Metrô Freguesia que publicamos em dezembro de 2014, na edição de número 77, que continua atual!

Pela melhoria do transporte e do trânsito na Freguesia

O recente boom imobiliário na Freguesia, com milhares de novos empreendimentos sem a infraestrutura pública necessária, causou um grande impacto no trânsito de um bairro, que outrora aprazível, com grandes áreas verdes e ruas estreitas, não estava preparado para receber tantos carros.

O trânsito na região se tornou insustentável com engarrafamentos constantes, muitas vezes sem motivo aparente, provocando atrasos nos compromissos dos usuários da Freguesia e de todo o entorno e muita, muita confusão urbana no bairro que por muitas décadas foi conhecido como bucólico.

Os BRTs TransCarioca e TransOlimpica não atendem a região da Freguesia e Pechincha, que continuam com a mesma estrutura viária para atender um fluxo cada vez maior de automóveis.

A Freguesia serve de passagem para os usuários que vão para a Barra da Tijuca e Zo-

nal Sul, para o Grajaú, Andaraí, Tijuca, Centro e para pegar a Linha Amarela - Ponte Rio-Niterói (Região dos Lagos) e para o Anil, Gardênia Azul, Rio das Pedras e Itanhanguá e em fluxo inverso para Taquara, Curicica, Praça Seca e Catonho.

A região de Jacarepaguá compreende 11 bairros da cidade do Rio de Janeiro e segundo o censo 2010, tem uma população de 572.030 habitantes, o que corresponde a 9% da cidade e possui 215.552 domicílios, o que representa um crescimento de 66% em 10 anos (2000-2010).

Nós, moradores da Freguesia e arredores, abaixo-assinados, solicitamos:

• **À Prefeitura do Município do Rio de Janeiro:**

1) Para execução imediata: o aumento do efetivo de controladores de tráfego e guardas de trânsito orientando o fluxo de ônibus e automóveis no bairro da Freguesia e arredores; continuidade dos Fóruns sobre mobilidade urbana com a CET-RIO, iniciados em

2013 por iniciativa da AMAF; cumprimento do previsto no art. 21 do Decreto Municipal nº 38.057, de 19 de novembro de 2013;

2) Implantação de linhas de ônibus partindo da Freguesia com destino a outros bairros de Jacarepaguá, Barra e Méier, inclusive com integração ao BRT, uma vez que as linhas que por aqui circulam nos atendem de forma precária;

3) Fiscalização do uso inadequado das calçadas e enquadramento às regras de pavimentação e conservação da Prefeitura visando maior mobilidade a pedestres e portadores de necessidades especiais;

4) Construção de mais ciclovias em Jacarepaguá, se integrando àquelas já existentes na cidade, bem como a fiscalização e manutenção das mesmas.

• **Ao Governo do Estado do Rio de Janeiro:**

1) Para execução imediata, a implantação de uma linha de integração metrô/ônibus que circule na Freguesia com ligação à estação do

Metrô no Shopping Nova América, haja vista que atualmente a linha existente (611 – Curicica) não nos atende de forma satisfatória;

2) Estação do Metrô no Largo da Freguesia e ligação subterrânea à Estação Alvorada, com inclusão dos estudos do mencionado trajeto no próximo edital de licitação para o projeto básico de expansão da Linha 4 no trecho Jardim Oceânico/Recreio;

3) Inclusão da Linha 6b do Metrô (Alvorada/Fundão), conforme consta no PDTU (Plano Diretor de Transportes Urbanos da Região Metropolitana do Rio de Janeiro) em vigor, no PPA 2016/2019 como PRIORIDADE para execução com previsão de início no mandato do Governo atual de 2014/2018. Na certeza de termos nosso pleito atendido, encaminhamos a cópia do abaixo-assinado junto com um dossiê montado com a colaboração de moradores do bairro. Movimento Metrô Freguesia | Mobilidade Urbana.

O JAAJ sempre denunciou a violência e as remoções forçadas da prefeitura e da especulação imobiliária.
Edição número 82 – junho de 2015

Viva a Vila Autódromo! Diga não à remoção

Guarda Municipal, seguindo orientação fascista, espanca moradores da Vila Autódromo

Na Vila Autódromo, entre as 150 famílias que resistem – das cerca de 450 que habitavam o local – está Maria da Penha, 50 anos, conhecida como dona Penha. Ela foi uma das pessoas que acabaram machucadas pela Guarda Municipal do Prefeito Paes. Interveio por achar injusta a remoção da família do vizinho Ocimar. “Eram duas crianças e um idoso. Para onde eles iriam, de imediato?”, questionou.

A campanha pela sobrevivência da Vila Autódromo é uma luta de seus moradores, mas é também, e sobretudo, uma luta de todos por uma cidade justa e igualitária. Nos últimos meses,

milhares de famílias foram compulsoriamente removidas ou estão ameaçadas em nome da Copa do Mundo e das Olimpíadas: Restinga, Vila Harmonia, Largo do Campinho, Rua Domingos Lopes, Rua Quáxima, Favela do Sambódromo, Morro da Providência, Estradinha, Vila Recreio 2, Belém-Belém, Metrô Mangueira, Arroio Pavuna.



Dona Penha, moradora da Vila Autódromo, com o nariz quebrado. Ela foi levada a um hospital e passou por uma cirurgia na quinta-feira (4/6)

Convidamos todos os cidadãos e cidadãs a dizer: PAREM AS REMOÇÕES! Apelamos à sensibilidade e responsabilidade das autoridades governamentais, da Prefeitura do Rio de Janeiro, da FIFA e do Comitê Olímpico Interna-

cional para que as medalhas entregues aos atletas da Copa do Mundo 2014 e dos Jogos Olímpicos 2016 não sejam cunhadas com o sofrimento e a dor de milhares de famílias expulsas de suas casas e de suas vidas.



Guardas municipais partem para cima dos moradores da comunidade da Vila Autódromo que resistiam ao despejo

Encontro de comunidades na luta contra as remoções na Baixada de Jacarepaguá. Publicação de junho de 2015, na edição de número 82, uma luta que continua atual!



Professor Lourival Bonifácio

No sábado, 23 de maio, foi realizado o Encontro das Comunidades Oprimidas pelas Olimpíadas e Urbanizações – Ecoou, na quadra da Escola de Samba União do Parque Curicica, que teve o objetivo de debater os problemas das comunidades ameaçadas de remoções pela Prefeitura do Rio.

Estiveram presentes Robson Soares, representante do Movimento Independente Popular da Vila União; o vereador Reimont; Antônio Carlos e Inês, da Comissão de Moradores da Comunidade Indiana no Boréu; Regina Bienenstein, coordenadora do Núcleo de Estudos e Projetos Habitacionais e Urbano (NEPHU) e professora de Arquitetura e Urbanismo e de Pós-graduação na UFF; e Maraci Soares, representante do Qui-

lombo Camorim e colaboradora do *Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá*.

O senhor Robson Soares explicou que o Movimento Independente é formado por um grupo de resistência. Resistência à investida da Prefeitura. Resistência à Associação de Moradores que está conivente com o Poder Público. Ele informou, também, que a Prefeitura não mantém nenhum tipo de comunicação com o grupo.

A professora Regina, do NEPHU, foi categórica “o prefeito não tem um projeto detalhado. Ele os muda sempre. Não é claro em suas ações. Diz que não vai remover ninguém, mas envia seus funcionários para assediar os moradores com ameaças. A demolição das casas é desnecessária, e é um desperdício do dinheiro público”.

A líder comunitária Maraci disse que já presenciou em outras comunidades o que a Vila União está passan-

do. Que todos precisam estar atentos, porque as propostas da Prefeitura são muitas e sempre contra os interesses dos moradores. Ela citou, entre outros, a pressão e os despejos na Vila Autódromo; e que acompanhou moradores de diversas comunidades que negociaram e foram retirados, mas que hoje muitos estão arrependidos.

O JAAJ conversou com dois moradores da Vila União: Vinícius Sampaio e Andreia Coelho. Andreia disse que por enquanto ela não sairá. Mas que está atenta às atuações da Prefeitura, porque o perigo ainda não passou. Disse, também, que tem uma casa grande e recebeu uma proposta da prefeitura de R\$ 100 mil reais. “Mantive-me firme”, concluiu ela. Já Vinícius, morador há 22 anos no entorno da Vila União, recebeu ofertas e até ameaças para sair, mas resolveu ficar e lutar pelos seus direitos.



Líder do MIP - Robson Soares

ECOOU

Encontro das Comunidades Oprimidas pelas Olimpíadas e Urbanizações

Movimento Poesia de Esquina continua firme e forte na CDD
Publicamos este texto em dezembro de 2018, na edição de número 118

Poesia de Esquina – Do movimento de saraus ao lançamento de livros

Texto de Viviane Sales e Wellington França*

Originado na Cidade de Deus o *Poesia de Esquina* iniciou-se como encontro literário reunindo poetas e artistas de variados pontos da região metropolitana do Rio. Durante os anos de 2011 e 2012 no Bar do Tico e entre 2013 e 2016 teve sua efervescência no Bar do Tom Zé. Reunia um público bem variado: estudantes universitários, donas de casa, crianças, idosos, trabalhadores em geral. Faz parte, e é um dos movimentos artísticos protagonistas, do circuito da explosão de saraus e rodas culturais que surgiu no Rio produzido por jovens artistas e produtores culturais. Fenômeno visto por muitos como relacionado às jornadas de Junho de 2013, em razão de sua relação com a ocupação criativa de espaços públicos e formação de novos coletivos.

Promovem a valorização do intercâmbio artístico, a informalidade e o estímulo à participação do público através do microfone aberto, onde qualquer pessoa pode dizer um poema, cantar ou até mesmo fazer uma declaração de amor. Tornou-se referência como uma importante intervenção na Cidade de Deus, território que mesmo historicamente estigmatizado, também é celeiro de uma produtividade artística inspiradora que vai da literatura ao funk.

Diversas personalidades da literatura ca-

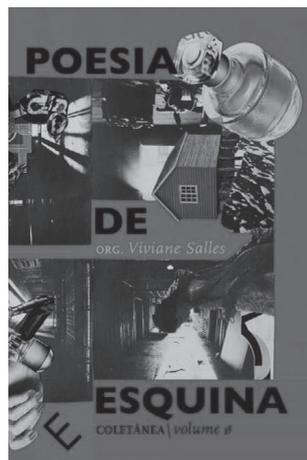
Arte: Alexandre de Maio | Fotos: Carol Nunes



rioca já frequentaram o sarau, como Dona Tuca Muniz, Guilherme Zarvos, Jessé Andarilho, Ana Paula Lisboa, Sérgio Vaz e João Paulo Cuenca, Ecio Sales e Julio Ludemir. Com repercussão nacional e internacional, foi um dos vencedores do Prêmio de Ações Locais da Prefeitura em 2015. No mesmo ano estreia o circuito *Poesia de Esquina nas Escolas*. Em 2016 realiza a ação piloto *Poesia de Esquina Itinerante* através de sua Kombi cultural.

Atualmente encontra-se na reta final a produção da Coletânea *Poesia de Esquina* pela Esquina Editorial que reúne textos dos poetas frequentadores do movimento e lançamento previsto para Janeiro de 2019.

***Viviane Sales, Socióloga e Jornalista, e Wellington França, Professor, Escritor e Administrador, idealizaram o Sarau e fundaram o Movimento Poesia de Esquina.**
Facebook: @MovimentoPosiadeEsquina



Continuamos descobrindo talentos na região todo mês, desde julho de 2008, na edição de número 36.

Descobrimos Talentos

Paulo Damazio: um artista que entrega sua alma à arte e aos movimentos católicos

Maurício Lafayette*

Paulo Damazio começou sua carreira artística como designer gráfico. Tornou-se jornalista, publicitário e atualmente se dedica exclusivamente à pintura, sua paixão desde ainda muito jovem. Autodidata, não abre mão de ser original e livre na expressão de variados temas, inclusive sacro, representativo de sua atual fase, cabendo registrar sua imensa alegria em produzir os quadros das estações de Paixão de Cristo expostos na Capela do Centro de Estudos Paroquiais

- Cepar, da Paróquia Nossa Senhora de Loreto - Freguesia.

O artista é um dos fundadores do Espaço Cultural Estácio - Campus Jacarepaguá e um dos participantes do Atelier "Livro Pinte Aqui" do referido Campus, onde, às quartas-feiras, artistas da região se encontram.

Além da pintura, Paulo Damazio, há aproximadamente 25 anos, em parceria com sua esposa Beth, desenvolve atividades sociais, realizando encontros comunitários, ministrando palestras dirigidas a ado-

Uma homenagem especial ao saudoso eterno amigo e colunista do JAAJ, Julio Cesar, escritor e policial civil. Publicamos o lançamento do seu livro na edição de número 83, julho de 2015!



RPC Editora Lançamento

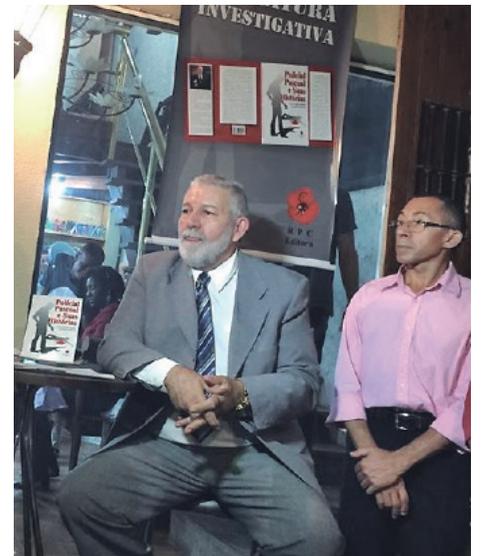
Livro "Policial Pascoal e suas histórias"

Jeovani Guilherme*

Uma noite de autógrafos, com fortes emoções, de poesias e de reencontros de amigos. Assim foi o lançamento realizado pela RPC Editora no sábado, dia 13 de junho, do livro *Policial Pascoal e suas histórias*, de Julio Cesar e Elisabete Bastos, na Livraria Nobel do Shopping Downtown, na Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio de Janeiro.

Este livro é um romance policial no qual o personagem principal, Antônio César Pascoal, ao ingressar na Polícia Civil, aos 18 anos — seu maior sonho —, passou a vivenciar momentos inesquecíveis como detetive. O autor Julio Cesar, que idealizou todo o livro, nos mostra a rotina de um investigador da polícia ao longo de sua trajetória profissional. Um dos principais motivos dele escrever este livro foi o fato de observar que o nome da polícia vinha sendo envergonhada. Ao ver tal situação, quis mostrar ao leitor que não existe somente coisas ruins na Polícia Civil. Resolveu então apresentar o lado bom da profissão, o que de fato esses profissionais competentes fazem, e ressaltar que, mesmo que haja maus profissionais, como em qualquer profissão, existe o policial que luta pela verdade, pela justiça. E este é o policial Pascoal, o protagonista de sua história.

O lançamento contou com a presença de aproximadamente 90 pessoas, local entre familiares e amigos, em especial do vereador Leonel Brizola, neto do eterno governador Leonel de Moura Brizola. Ao longo do evento, várias pessoas puderam falar um pouco sobre o autor, do profissional e do pai de família Julio Cesar. E entre essas pessoas contamos com a participação de Almir Paulo, coordenador da RPC Editora e do *Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá*. Almir, com belas palavras, elogiou o amigo pela iniciativa de mostrar aos leitores que, mesmo em meio ao caos, é possível encontrar profissionais incorruptíveis. "É ótimo ler e ver o amor à profissão, ver que ainda há policiais comprometidos com a população e a insti-



O autor Julio Cesar e o poeta Severino



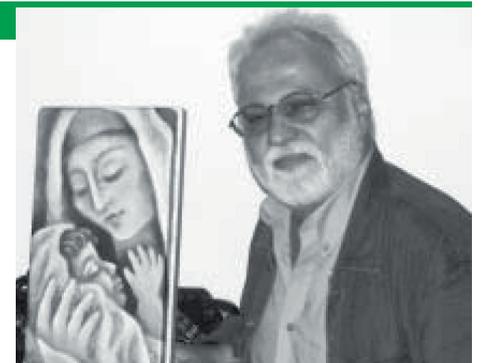
O autor Julio Cesar e a equipe da RPC Editora, Almir, Edelvira e Severino

tuição", afirmou ele.

O poeta Severino Honorato parabenizou o amigo Julio Cesar por ser um excelente profissional e um ótimo chefe de família. Disse ainda que "espera que todos os leitores também gostem e se surpreendam, assim como ele, com o investigador policial Pascoal".

O autor Julio Cesar, muito emocionado, agradeceu a presença de todos e afirmou que o livro "narra as façanhas do policial Pascoal, mas na verdade é um retrato fiel de meus trinta anos como investigador policial. Tenho orgulho de pertencer ao quadro da Polícia Civil do Rio de Janeiro".

***Estudante de Jornalismo da UCB-RJ.**



tribuições através de depósitos bancários na conta Bradesco - Agência 3019 - Conta Corrente 74.816-1.

***Curador e Artista Plástico**

Essa é a história da comunidade Coroado, de Vargem Pequena, que publicamos em junho de 2008, na edição de número 35, que continua atual e na luta!

Uma história de luta da comunidade Coroado

A comunidade Coroado está localizada no final da Rua Mazzaropi, que tem início na estrada dos Bandeirantes nº. 10.573, Vargem Pequena. Os primeiros registros oficiais do Coroado, anteriormente chamado Ilha do Marinho, foram feitos pelo IPLAN-RIO no final da década de 50.

“Uma das maiores dificuldades encontradas pelas primeiras famílias que para cá vieram, foi o tipo de solo muito encharcado, isto aqui era um brejo”, afirma Sérgio Lessa (Serginho).

A formação da comunidade foi viabilizada, principalmente, pela dragagem do Rio Marinho realizada nos anos 60, pela empresa EBEC. “Com a areia retirada do rio foi feito o aterro da área pelas próprias máquinas. Antes o solo era tão frágil que até um trator que abria o caminho ficou atolado na lama. Já entrou muito aterro aqui colocado pelos moradores”, lembra Josué Inácio (Zezé).

Dona Maria da Glória também lembra bem das dificuldades iniciais. “Nós tínhamos que pegar lenha para cozinhar e água para beber do outro lado do rio. Uma vez o barco virou e eu quase morri. Passei um sufoco”, recorda.

Outro fator determinante na vida da comunidade foi a instalação do vazadouro de lixo no local conhecido como Cesar Maia que durou mais de uma década. “Por se tratar de uma população muito pobre, muitas famílias tiravam seu sustento da lixeira inclusive alimentação”, observa dona Valina.

Dona Cezarina Cândida (dona Titã) destacou o receio sofrido pelos moradores em 1982, quando apareceu um homem afirmando ser dono da terra onde



Moradores das comunidades reivindicam dignidade e respeito



População ocupa a praça para exigir seus direitos



Comunidade Coroado



Lideranças do MUP conclamam o povo a lutar

já estava instalada a comunidade. O fato levou à união local, a partir da organização da Associação de Moradores, que teve Geraldo Nascimento como primeiro presidente. “De lá pra cá passamos a participar de muitas reuniões sempre lutando contra o despejo. Mas, naquele tempo havia mais união. Vinham pessoas de outras comunidades dar apoio pra gente”, comenta dona Titã.

“Eu acho que teve muita união da nossa comunidade quando colocamos água aqui. Todo mundo ajudou, foi legal. Agora ainda falta muita coisa, principalmente o saneamento básico, calçamento dos becos e um projeto para melhorar as casas que estão ruins. Precisamos continuar a luta”, opina Noêmia, outra moradora.

O Movimento União Popular (MUP) aproveita esta página do Jornal Abaixo-Assinado Jacarepaguá para prestar uma singela homenagem póstuma àquelas famílias que fundaram a comunidade do Coroado e serão eternamente lembradas: Sr. Jovino e D^a Ana, Sr. Rubens (família do Serginho), Sr. Pocino e D^a Maria (família do Zé Luiz), Sr. Jorge Barbosa (família do Damião), D^a. Severina (família da Rosana e Fia) e Sr. Vicente e D^a. Iote.

Quem somos?

O MUP (Movimento União Popular) inicia, nesta edição, a publicar uma série de histórias contadas através de depoimentos de moradores, sobre as comunidades que no dia 30/05/2006, através do Projeto de Lei 79, conhecido como PEU DAS VARGENS, conseguiram se declarar como AEIS (Áreas de Especial Interesse Social).

A história e a defesa do Patrimônio Cultural Histórico da região sempre no JAAJ - fevereiro de 2022, edição de número 148



Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá

Júlio Dória - Professor

O IHBAJA e a História Local

O Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá congrega em seu seio historiadoras, historiadores e indivíduos em geral que guardam em comum o interesse pela história do bairro ou parte dela. Entendemos que o comprometimento com o estudo e a pesquisa sobre a história de Jacarepaguá por parte destes indivíduos que compõem o IHBAJA, em sua maioria oriundos das classes populares que historicamente ajudaram a desenvolver econômica e culturalmente o bairro, se constitui como uma oportunidade importante para revisitação de fatos ocorridos neste vasto território. Ao mesmo tempo, permite trazer à “vida” outros fatos, pessoas, situações e lugares esquecidos, negligenciados ou propositalmente suprimidos da narrativa sobre a História Local.

Nesse sentido, o IHBAJA tem o compromisso moral com a história das classes populares que ajudaram a construir Jacarepaguá, os trabalhadores e trabalhadoras rurais, operários e operárias das fábricas, trabalhadores do comércio e serviços, profissionais da educação, saúde, artistas, poetas, musicistas, desempregados crônicos, autônomos, trabalhadores ambulantes, entre outros. Mas igualmente comprometido com os territórios de resistência e suas histórias como a dos Quilombos do Camorim e o Cafundá Astrogilda de Vargem Grande, bem como as demais comunidades pobres do bairro e as diversas formas de expressão cultural local.

Por outro lado, não olvidamos a presença e história dos Engenhos e da nobreza local, contudo, a inserimos no contexto histórico pertinente enquanto materialização das re-



1ª turma de horta orgânica de 2021 do Quilombo do Camorim

lações sociais da época e consonantes com as bases econômicas da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil, com um todo. Isso significa dizer que não endossamos a perspectiva fetichista e aduladora a fatos ou personagens históricos do bairro principalmente por conta de sua condição social, pelo contrário, buscamos o entendimento das formas e dinâmicas socioeconômicas que se desenvolveram em Jacarepaguá, bem como as relações de poder inseridas nos diferentes contextos políticos da História Local.

Por fim, acreditamos que esses elementos históricos podem servir para nós – e também para você, leitor ou leitora – (re) pensarmos o desenvolvimento social do nosso bairro e identificar aspectos culturais específicos que nos permitem construir uma identidade local, a dos moradores de Jacarepaguá.

18 ANOS DE LUTA EM DEFESA DA BAIXADA DE JACAREPAGUÁ

18 ANOS DE LUTA EM DEFESA DA BAIXADA DE JACAREPAGUÁ

Assinado

PEDALA JPA

JAAJ 2005 - 2023

Convite

A Rede Popular de Comunicação (RPC) convida para o Almoço de Confraternização dos 18 anos de resistência e existência do Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá e das Vargens (JAAJ).

Um dia de reencontro de amigos, várias atrações culturais e o lançamento da edição comemorativa de 18 anos do JAAJ!

Almoço, tipo “espoleta”, no valor de R\$ 25,00, organizado pelo grupo “As Panambis de Cultura Popular & Quitutes”

Faça sua reserva até o dia 09 de março por telefone ou WhatsApp (21) 97246-2213.

Lançamento em primeira mão da Campanha de Financiamento, via Catarse, para impressão em 2023 de 10 edições (com 5 mil exemplares cada) e de um livro do JAAJ!